

RELIGIOSIDADE FEMININA E SOCIEDADE PATRIARCAL NO ROMANCE NORDESTINO

Nathassia Maria de Farias Guedes¹ (UEPB)

RESUMO

Acostado à perspectiva de que a divulgação e a dilatação da fé, no mundo açucareiro do Nordeste, se deveram mais à família patriarcal, do que a própria instituição eclesiástica, então distante da vida do povo, seja pela insuficiência numérica de seus clérigos, seja pelos perigos e custos que representavam as viagens aos longínquos engenhos e fazendas, como assegura Eduardo Hoornaert, nos propomos a examinar, através do discurso literário nordestino, em especial dos romances elaborados nos inícios do século XX, os traços dessa religiosidade que atribui à mulher, inicialmente à senhora de engenho, o papel de guardiã e transmissora do sagrado entre nós.

PALAVRAS-CHAVE: feminino, patriarcalismo, religiosidade

ABSTRACT

According to the view that the dissemination and expansion of faith, in the *world of sugar* in the Northeast of Brazil, was due more to the patriarchal family than to the church itself, that was too far from the life of the people, either because of the insufficient numbers of their clergy, or the dangers and cost of the trips to distant mills and farms, as Eduardo Hoornaert ensures, we propose to examine, in the light of the Northeastern literary discourse, especially of novels produced in the early twentieth century, traces of religion which gives women, initially to the *lady of the mill*, the role of guardian and transmitter of the sacred between us.

KEYWORDS: women, patriarchy, religion

¹ Pesquisa orientada pela Prof^ª. Dra. Wilma Martins de Mendonça.

Os coronéis do cacau não primavam pela religiosidade, não freqüentavam igrejas, rebeldes à missa e à confissão, deixando essas fraquezas para as fêmeas da família.

Jorge Amado

Publicada em 1921, a tessitura romanesca **Senhora de Engenho**, do pernambucano Mário Sette (1886-1950) representa para a literatura nacional o texto inicial de toda uma produção narrativa elaborada nas primeiras décadas do século XX, no Nordeste, que, posteriormente, seria denominada de Romance de Trinta. Vertente inaugurada pelo Romantismo, no século XIX, o regionalismo atingiria, no século XX, com a prosa nordestina, o nível das obras significativas, como assegura Antonio Candido (1971, p. 161).

O caráter antecipador de Mário Sette, seu pioneirismo literário, pode ser apreciado neste romance, através da descrição regional, no caso, a descrição do espaço nordestino, reivindicado pelo cearense Franklin Távora (1876), como *locus* privilegiado de brasilidade, como vemos a seguir:

A crítica pernambucana, mais do que a outra qualquer, cabe dizer se o meu desejo não foi iludido; e a ela, seja qual for a sua sentença, curvarei a cabeça sem replicar. As letras têm, como a política, um certo caráter geográfico; mais do Norte, porém, do que no Sul abundam os elementos para a formação de uma literatura propriamente brasileira, filha da terra. (TÁVORA, 1973, p.5)

Endossando a perspectiva do autor de **O Cabeleira**, Mário Sette se voltará para o mundo dos engenhos em Pernambuco, elegendo a terra e o homem do açúcar, no caso o senhor de engenho, como elementos privilegiados de nacionalidade.

Em **Senhora de Engenho**, vamos encontrar uma representação do Nordeste que, não obstante lacunar, em relação ao mundo do trabalho, se processa de forma precisa e detalhada quanto ao cenário físico, funcionando como abertura para uma prosa mais desenvolvida, que se efetivaria anos depois. Ligado ao contexto dos anos Vinte, marcado pela busca de uma literatura voltada para a cor local, Mario Sette escreve sua obra modernista, demonstrando uma profunda intimidade com o universo açucareiro. Nessa intimidade, terminaria por desvelar o mundo religioso do Nordeste, claramente caracterizado pela ativa ação e presença da mulher.

A representação da mulher na literatura tem sido, historicamente, marcada pelos traços, pelo imaginário, da sociedade patriarcal. No Nordeste, ambiente por excelência das antigas “nobrezas” luso-brasileiras, esses traços se apresentam de forma muito mais explicitados. Nesse sentido, a mulher é representada ora como anjo de candura, ora como demônio, ora como mártir que padece pelo amor à família, numa estreita ligação com a imagem de Nossa Senhora, a *mater dolorosa*, conforme se lê na obra de Mario Sette, quando de sua configuração das personagens D Inacinha; Maria da Betânia e Hortênsia, conforme vemos:

“[Maria da Betânia] É uma menina muito sisuda, calma, despida de vaidades. Eu a vi, ano passado, quando estive em Garanhuns, com o senhor Bispo. Penso que não nos dará trabalhos..[...]. Por meu gosto, Nestor teria escolhido noiva na sua terra, uma moça simples, uma flor destes matos, singela, bonita, assim como você, minha filha...” (SETTE, Mário, 1986, 17;56)

“[D. Inacinha] E, no entanto, merecia que os filhos vivessem de joelhos diante dela![...] A mãe, tão piedosa, tão protetora da matriz!” (SETTE, Mário, 1986, 14;19)

“[Hortênsia] Hortênsia pode ser uma mulher carinhosa, mas estranha à nossa gente, aos nossos costumes, difícil de se acostumar conosco. Será sempre uma planta de enxerto...” (SETTE, Mário, 1986, 56; 19)

Pela sua condição de subalternidade à ordem patriarcal, a mulher nordestina, tem sido representada em íntimo conúbio com a terra, como verificamos em Sette. Assumindo, geralmente, os papéis delegados pelo olhar masculino, elas são situadas no mundo privado, ligada diretamente à Igreja ou confinadas à vida doméstica, orientadas para a organização da casa, para a criação dos filhos, facilitadoras, assim, da vida dos entes familiares, em especial a dos maridos e da prole, conforme ressalta o crítico Eduardo Hooanaert:

Sem dúvida uma das razões principais estava na própria concepção de vida religiosa feminina que perdurava na época. Esse conceito estava por sua vez intimamente ligado à própria concepção de vida da mulher. No conceito do antigo regime a mulher ocupava uma posição bastante inferior: como esposa era considerada propriedade do marido, e vivia inteiramente submissa a seu domínio. Devia viver dentro de casa, dedicada aos cuidados dos filhos e aos afazeres domésticos (HOORNAERT, 1979, p.223)

Voltando ao romance de Mário Sette, notamos que os traços dessa religiosidade, que atribui à mulher o papel de guardiã e transmissora do sagrado, se encontram espalhados por toda a narrativa. Dialogando com o contexto cultural, Mario Sette elabora uma imagem da senhora de engenho, Dona Inacinha, mãe do protagonista e herdeiro do Engenho Águas Claras, Nestor como representação máxima do marianismo, conforme aval do Pe. Elísio: “E, no entanto, merecia que os filhos vivessem de joelhos diante dela!”(SETTE, Mário, 1986, 14 e 19)

Culto voltado especificamente para Nossa Senhora, o marianismo é uma das expressões religiosas, de base popular, mais importante no nordeste brasileiro. Essa veneração à Maria pode ser demonstrada tanto pelas inúmeras igrejas das quais é padroeira, como também pela caracterização da virgindade e da maternidade femininas como sagradas. Apesar de ter se tornado uma crença popular o marianismo traz em si a feição da sociedade patriarcal, como afirma Eduardo Hoornaert:

Nos engenhos a imagem de Nossa Senhora adquiriu as características patriarcais do ambiente: ela se tornou aristocrática, ricamente vestida com véu de ouro, branca como a senhora branca da casa grande, imponente e bondosa, maternal [...] Neste mundo familiar, feito de bondade paternal a partir da casa grande e de submissão “penosa” a partir da senzala, a imagem de Maria é poderosa, imprime respeito e admiração, conforme reza um “bendito” da região do rio São Francisco. (HOORNAERT, 1979, p.348)

Fenômeno oriundo, portanto, de nossa sociedade patriarcal, o culto à Maria se desenvolveu em um contexto carente de clérigos. Não é demais lembrar que quando os jesuítas vieram para o Brasil, com a missão de catequese, se depararam com uma população superior ao esperado e um território maior em extensão que o previsto. Com o passar dos séculos, chegando à década representada por Mário Sette, a escassez de padres era notória. Nesse contexto, a mulher se torna a nova missionária, a nova apóstola que centralizará seu sentimento religioso na figura de Maria. Essa devoção à mãe de Jesus, com suas variações, se desenvolverá rápida e fortemente nos anos 50, embora tenha sido iniciada desde a colonização, alcançando os séculos seguintes chegando, finalmente, aos nossos dias como bem demonstra Mario Sette, nos inícios do século passado. Desse contexto religioso deriva as várias personagens femininas de Sette, especialmente D. Inacinha, sucedânea segundo o Pe. Elísio da própria Nossa Senhora.

A positividade que cerca a casa patriarcal envolverá D.Inacinha e Maria da Betânia, jovem órfã, sobrinha de D. Inacinha e também devota de Nossa Senhora. Órfã desde menina, Betânia se caracteriza pela formação religiosa que, de certa forma, a distancia do mundano: “Betânia é muito fora dessas coisas. No sertão, distraía-se tomando conta duma aula, no colégio das freiras; ensinava costuras, bordados” (SETTE, 1986, p. 17)

Preparando as novas gerações, dentro do espírito patriarcal, Maria da Betânia ajuda a tecer o destino feminino no Nordeste. Sua prática educacional se limita a reforçar o espaço doméstico e privado como *locus* privilegiado da mulher. Dessa forma, Maria da Betânia funciona, na narrativa, como elemento de endosso da perspectiva senhorial de Mario Sette, enquanto nos informa do acolhimento positivo, da própria mulher, às idéias e preceitos senhoriais, como destaca o Pe. José Oscar Beozzo.

As mulheres acolhem positivamente o conjunto de mensagens, doutrinas e propostas da Igreja, digerindo-as, porém, à sua maneira e retransmitindo-as sob novas luzes, enfoques e acentuações, numa perspectiva própria da mulher, de sua sensibilidade, inteligência, amorosidade e cuidado
(BEOZZO apud ZANLOCHI, 2001, p. 10)

Destinada tão somente ao espaço do privado, as mulheres de Sette se aproximam de outras personagens femininas do Romance de Trinta. Em Jorge Amado, por exemplo, vamos encontrar as mesmas mulheres devotas e o mesmo espaço delimitado ao feminino, não obstante a naturalização de algumas personagens femininas, como Gabriela. Assim, o narrador de **Gabriela Cravo & Canela** (1986), anuncia na primeira página de sua narrativa que a Igreja é o lugar das fêmeas da família patriarcal.

O seu rico andor bordado de ouro, levavam-no sobre os ombros orgulhosos os cidadãos mais notáveis, os maiores fazendeiros, vestidos com a bata vermelha da confraria, e não é pouco dizer, pois **os coronéis do cacau não primavam pela religiosidade, não freqüentavam igrejas, rebeldes à missa e à confissão, deixando essas fraquezas para as fêmeas da família: - Isso de Igreja é coisa para mulheres.** (AMADO, 1986, p.15 – grifo nosso).

A leitura da obra atesta a profunda intimidade entre Mário Sette e o contexto religioso do Nordeste. Ao tematizar o perfil de religiosidade da mulher nordestina, o escritor pernambucano, numa linguagem perpassada pelo sotaque da região, constrói um quadro singelo da mulher em sua narrativa, posto que confinada às expectativas e à voz dos senhores do mundo açucareiro do nordeste.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge(1986). Gabriela Cravo & Canela: crônica de uma cidade do interior. São Paulo: Record.

AZEVÊDO, Neroaldo Pontes de (1984). Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba.

CÂNDIDO, Antonio (1987). A Educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Ática, p. 140-162.

HOORNAERT, Eduardo et alli (1979). Historia da Igreja no Brasil. Ensaio de interpretação a partir do povo. Petrópolis: Vozes.

SETTE, Mário(1986). Senhora de Engenho. Recife: ASA Pernambuco. TÁVORA, Franklin (1973). O Cabeleira. 2. ed. São Paulo: Ática.

ZANLOCHI, Terezinha (2001). Mulheres na Igreja de Cristo. Bauru, São Paulo: EDUSC.